



# De como foi a minha viagem ao Brasil



**P**ARTIMOS de Lisboa no dia 9 de Junho, pelas 16 horas. Como era a primeira vez que viajava de navio, aconteceu o que eu esperava; enjoiei. Mas foi por pouco tempo. Quando cheguei à Madeira já não me sentia mal.

Descemos nessa formosa ilha, que, com razão, é chamada a Pérola do Atlântico. Chegamos de dia e por isso fomos a terra não só para eu a conhecer, como também para o nosso Pai Américo conversar com um seu antigo amigo, companheiro de sua infância. Levantamos ferro pela tardinha, rumo a S. Vicente. Alguns dos leitores já devem conhecer. Eu admirei-me ao ver aquela desolação. Apesar de ter andado também na miséria, admirei-me. Coisa como aquela nunca tinha eu visto.

Saimos para a Baía também pela tarde, o que fez com que algumas pessoas ficassem desoladas. Já sabíamos que chegaríamos à Baía de noite e daí a desolação. O nosso Pai Américo não me queria deixar ir a terra, mas como eu arranjei uma família que me acompanhasse, fui. Fui mas não vi nada. Tínhamos chegado muito tarde e não pudemos ver nada.

Na véspera de S. João, dia 23, chegamos ao Rio, onde éramos esperados por muitas pessoas, algumas das quais já nos conheciam e á nossa Obra.

Apareceram também os fotógrafos—os terríveis inimigos do nosso Pai Américo—que logo começaram a disparar por todos os lados. O nosso Pai Américo bem barafustava, mas eles não faziam caso.

Fomos depois conduzidos à Casa do Porto—agremiação tundada por Portuenses e cujos directores foram os que nos convidaram a ir ao Brasil—onde o nosso Pai Américo fez uma locução saudando os brasileiros. Como nesse dia havia os festejos de S. João, fui convidado a assistir a eles. Entre tanto o nosso Pai Américo já se tinha alojado no Mosteiro de S. Bento e eu em casa de uma família portuguesa que sempre foi muito amiga e gentil para comigo.

Depois de várias visitas de agradecimento, começou a correr o nosso documentário pelas telas de alguns cinemas, gentilmente oferecidas pelos seus proprietários.

Com estava de passeio, o nosso Pai Américo, por vezes, deixava-me ir passar algum tempo com uns jovens amigos que eu tinha arranjado entre os filhos dos sócios da Casa do Porto. Dávamos passeios, íamos à praia e a mais alguns divertimentos próprios da nossa idade.

No dia 18 de Julho fomos a S. Paulo. Como o Brasil tem ainda poucas estradas e o serviço de caminhos de ferro é ainda uma organização muito deficiente, fomos de avião. Tivemos pouca sorte visto o céu estar um pouco nublado. Só na vinda pude reparar no espectáculo que teríamos perdido caso não voltássemos de avião. Foi uma hora e vinte minutos em cheio!

Chegados que fomos a S. Paulo hospedamo-nos num hotel muito discreto, porque o nosso Pai Américo não gosta de coisas espalhafatosas. Enquanto se arranjava as coisas para o nosso Pai Américo fazer algumas palestras, fomos passar 4 dias a uma Estância de Repouso em Valinhos—Campinas, propriedade de um conhecido português de Mogadouro e que reside actualmente em S. Paulo onde tem os seus negócios. Como aí havia alguns rapazes, fiz dentro em pouco amizade com todos eles, e passado pouco tempo já andava a cavalo, jogava ping-pong e fazia trinta mil por uma linha. Quando me despedi deles para voltar para S. Paulo não foi sem uma certa máguia, tanto estava habituado àquela vida. Mas, como tinha ido para trabalhar e não para brincar, tive de me resignar.

Em S. Paulo correu também o nosso documentário em alguns cinemas e no Palácio de Justiça, por ocasião da II Semana de Estudos de Menores, à qual assistiu o nosso Pai Américo.

Como estava próximo o dia da partida, regressamos ao Rio e durante esse tempo que estivemos lá, esse mesmo tempo foi todo gasto em visitas de despedida e agradecimento pelo bom acolhimento que nos tinham dado.

Ao mesmo tempo que tínhamos desejo de voltar para Nossa Casa, tínhamos também pena—e porque não dizer saudade?—de deixar aquela terra onde fizemos amigos e onde deixamos alguns já antigos!

Deixamos muitos de lágrimas nos olhos e se não as deitamos nós, foi porque as refreamos com o pensamento de que dentro em pouco encontraríamos mais amigos esperando com ansiedade a nossa volta.

Depois de 15 dias—o tempo que demorou a viagem de regresso bem passados, chegamos finalmente a Lisboa, onde nos esperava uma grande surpresa. Cem rapazes, representando todas as Casas que temos espalhadas pelo país, esperavam-nos no cais com foguetes e tudo. Foi um nunca acabar de vivas e acenar de lenços até que o nosso querido Pai Américo caiu nos braços desses mesmos cem rapazes, ou antes, cem filhos, que trez meses antes se tinham despedido dele desejando-lhe boa viagem.

José Eduardo.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O NOSSO

JORNAL

Ao reassumir os meus deveres depois da viagem que fiz, vim naturalmente encontrar uma data de correspondência de assinantes, aonde uns dizem que sim e outros dizem que não. E' a reacção. A reacção ás medidas que os rapazes puzeram em prática com o fim de receberem o custo das assinaturas. Em primeiro lugar notemos o que eles fizeram; foi deliberação própria. Quer o risco vermelho, quer o postal, quer o recibo; tudo isto é falado discutido e cozinhado por eles. São coisas da sua iniciativa. Os erros também são deles. Isto de pedir o dinheiro a quem já o tinha dado, e quase todos generosamente, é coisa deles. E' fruto da sua organização. Mais. Isto de dar o nome de caloteiro a quem está farto de pagar o que deve, é um assunto tão grave, que só se admite e desculpa em uma organização da natureza da nossa. Eu sou o primeiro a dar toda a razão aos que refilam e devolvem. E' muito natural; é preciso, até, que haja, entre tantos assinantes, quem concorde e quem discorde; quem ache graça e quem carregue o semblante; quem diga que sim e quem diga que não. A variedade das cartas que recebemos, é a expressão comestinha destas grandes verdades.

Eu porém, vou falar. A primeira coisa que digo, é pedir aos senhores e às senhoras que olhem e aceitem complacentemente os naturais defeitos da nossa vida de trabalho. Nós podíamos meter assalariados; pagar a funcionários; trabalhar com uma organização perfeita, e dar gosto aos nossos leitores. Podíamos sim senhor. Mas isto seria o desabar total de um pensamento; seria a queda dum propósito feito no dia em que lançamos os alicerces da Obra. O nosso rapaz, o rapaz da Obra da Rua, há-de ser uma conquista de si mesmo. Há-de jogar com as suas próprias cartas. Ora a verdade é que alguns deles estão justamente a caminho. Já temos na Redacção rapazes muito assentes. As coisas hão-de necessariamente melhorar sem prejuízo para a divisa de uma obra de rapazes para rapazes pelos rapazes.

Que todos nos desculpem e nos ajudem alegremente. E' mais fácil ajudar do que ser ajudado. As dificuldades são todas minhas e eu aceito-as por amor dum mundo melhor. Que todos me ajudem; que ninguém se irrite. Nós somos uma obra honesta. Não enganamos ninguém. Não há malícia nem intenção de recebermos o que não nos é dado. Se algumas vezes tem acontecido pedir de novo o que já se recebera, as razões estão dadas acima.

Nós precisamos de quem nos ajude. Somos uma grande família de trabalho, aonde a maior parte dos filhos, por pequenos, ainda não produzem; e eles têm de comer pão; e eles têm de andar vestidos; e eles são nossos porque não têm ninguém. Eles são teus!

## LAR DO EX-PUPILO

Sua razão de ser

(Continuação dos números anteriores)

Sendo um composto de corpo e alma, o homem não deve preocupar-se sómente com a parte material do seu ser e descurar por completo o lado espiritual. O Lar do ex-Pupilo frustrava a sua finalidade se recebesse os Rapazes no seu seio e lhes resolvesse apenas os seus problemas materiais. Não basta ter casa um lar com mesa posta às três refeições e roupa lavada nas camas e no corpo; é necessário a construção do nosso edificio sobrenatural, assente nas bases de uma consciência recta e numa vontade enérgica e que há-de ser ainda solidamente alicerçado na existência de virtudes naturais—apanágio de todo o homem de bem para ser bom cristão. Estas virtudes naturais ou sejam os hábitos morais, levam os homens a ser honestos, caracter perfeitos na posse da coragem, da lealdade e da mansidão sem moleza.

O ex-Pupilo esforça-se por ser um homem integral.

Se, segundo S. Tomás, só é homem aquele que quiser sê-lo sinceramente, nós podemos acrescentar que apesar daquela querer, é preciso sentir todas as contradições do coração humano, passar por todas as vicissitudes, cair e ser forte para se levantar.

«O homem é um deus caído que se lembra do Céu» (Lamartine).

O ex-Pupilo, para ver, que não são inúteis os seus esforços, sabe que há-de construir na rocha e não na areia, que o cumprimento dos seus deveres há-de ser imposto por um querer forte sem veleidade, um querer sincero e eficaz.

A este respeito esclarece-o o artigo IV da Constituição do Lar:

«Cada um dos ex-Pupilos tem o dever de levantar e fazer valer as qualidades nobres e espirituais da sua alma, sendo guarda vigilante de si próprio e responsável de todos os seus actos. Saiba com energia repelir, pessoalmente companheiros falsos e abster-se de lugares e de prazeres ilícitos e perigosos. Se a Obra dos ex-Pupilos não provar ser escola de auto-educação e amparo moral de cada um dos seus Membros, frustra por isso mesmo o principal fim para que foi instituída e torna vao o esforço dos que trabalharam na sua fundação. E' um obra essencialmente crista, consagrada ao Coração de Jesus, o único que cura e cicatriza as feridas da alma. Cada um dos ex-Pupilos tem obrigação de conhecer e de praticar os preceitos do Decálogo, ser rigoroso consigo mesmo no cumprimento de cada um deles, sabendo que a Moral Crista é dos fortes, baseada na renúncia às solicitações da fraca natureza humana».

Convidando os Rapazes a meditar e a olhar para as incertezas do futuro, acrescenta o artigo V:

«Veja o ex-Pupilo e aprecie na Obra do Lar a grande oportunidade que se lhe oferece, da qual deve tirar dia a dia o máximo rendimento, levando o desejo do seu aperfeiçoamento moral até ao sacrificio de todas aquelas paixões e inclinações que briguem com este nobre e salutar ideal. Quantos há que se têm perdido na vida por não terem nunca encontrado nela uma oportunidade assim! A qualidade de habitantes do Lar deve ser para o ex-Pupilo salvo-conduto e garantia da sua boa aceitação do público».

Exige-se luta, força de vontade indomável para fugir ao mal e ser fiel na observância destes preceitos, mas...» a Moral Crista é dos fortes».

Não há dúvida de que o espirito e a carne são forças antagónicas e que, segundo uma imagem de Platão, a alma humana assemelha-se a um carro atrelado a dois cavalos que puxam em sentido contrário. O terço rezado diariamente em comunidade, as orações da manhã antes do trabalho, as desobrigas colectivas anuais e as palestras do Assistente Moral são meios que o ex-Pupilo encontra no seu caminho e que o levam à vitória espiritual.

Pela nossa vida integral assim regrada e conduzida, não podemos ser apodados de fanáticos e retrogradados. Podemos, sim exclamar como S. Agostinho: inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te! (o nosso coração está inquieto enquanto não descansa em Ti!).

H. F.

(Continua)



# Isto é a Casa do Gaiato

**T**INHA escrito do Brasil ao Padre Adriano, dizendo que muito gostaria de vir encontrar todos quantos cá deixei, e afinal de contas ele foi muito além dos meus desejos; encontrei em Paço de Sousa todos quantos deixara, e mais quinze que durante a minha ausência vieram.

Não se cuide que eu tinha quinze vagas; é que, com os exames feitos, muitos ficaram aptos a transitar e de facto transitaram para o Lar do Porto, aonde se encontram actualmente colocados. Daqui o terem deixado o lugar para outros.

Ora eu tenho-me regalado de tocar e de medir e de falar a estes recém-chegados e vou dizer o que aconteceu com um deles: Muito gorducho, muito espevitado e de rara compleição, quiz saber a sua história receando, como ainda receio, que este itinerante seja um filho de algo. Comecei por lhe notar as pernas muito gordas, o que não era de maneira nenhuma um atestado de miséria. A isto o rapaz responde imediatamente tocando as pernas com as suas mãos. *Isto é daqui. Estas pernas são daqui. Eu quando cheguei era um fuso.* Estavam ao pé mais rapazes da Aldeia e confirmaram. *Ele chegou com as calças compridas e remendadas e o cabelo muito grande e a cara muito suja como todos nós somos quando chegamos.* Inteirado desta primeira parte, eu ponho nova objecção dizendo-lhe que muito deve ele comer para ficar tão gordo dentro de tão pouco tempo, e por isso mesmo teria de se ir embora. O rapaz é muito seguro. Sabe o que quer, quer ficar e responde que não, que não é por comer muito, tanto assim que o Areosa come muito mais, veio no mesmo dia e não engordou.

Voltei-me para outro lado e soube dele que viera cá ter porque lá na terra se fala da Casa do Gaiato. Que saíra de Lamego naquele dia, atravessou o Douro em Porto de Rei e metera-se na linha do comboio até Cête. Que atravessou o rio a nado e como eu lhe perguntasse se náu ou vestido, com um gesto resolutivo ele diz que amarrara a roupa à cabeça! Eis um conquistador. Eis aqui um valor.

O rapaz diz chamar-se António Pereira, aparenta uns doze anos e diz ter uma irmã e seis irmãos, uns mais novos outros mais velhos. Não tem mãe, e esta é a sua maior desgraça! O pai chama-se Manuel Pereira, trabalha de enxada e mora em Cambres perto de Lamego. Eis aqui uma história. História nossa. História da minha Pátria muito querida. Nós temos muitos assinantes em Lamego e por ali perto. Se algum deles me souber dar luzes desta luz que anda perdida, eu desde já agradeço.

**A** PRIMEIRA vez que me sento na cadeira da loja do barbeiro, após o regresso do Brasil, levei uma cortadela. O barbeiro é o mesmo que eu deixei; é o Moreira. O lanho foi pequenito, é verdade, mas fez sangue. Um barbeiro de classe teria pedido mil desculpas mas o Moreira não. O Moreira assenta a navalha, enquanto eu me queixo e vai dizendo descuradamente: *Ora ora; se todas as cortadelas fossem assim!*

Eu fiquei triste, não por via do golpe, mas por observar que o Moreira tem feito poucos progressos tanto na arte como nas maneiras.

**D**EPOIS dos apertões em Lisboa, não me livreí doutros aqui em casa, ainda que mais comedidos. Foi a turma dos do campo. Eles são uns trinta. Vieram-me chamar para eu ir ver o gado, e uma vez junto dos currais levanta-se a questão por onde eu havia de começar. O Melgaço quer que eu o faça pelos toirinhos; dois toirinhos que nasceram depois da minha saída. O Daniel diz que há-de ser pelos bois e pelas vacas. O Pastor abre o curral das ovelhas e empurra-me para lá. O Arouca intronete-se e informa em voz muito alta das três ninhadas que nasceram. É um mundo de porquinhos. Por lá é que eu tenho de começar. Eu estava no meio de todos, ós solavancos de todos. Venceu o Melgaço. Tanto fez, tanto disse, tanto ameaçou os companheiros, que venceu tudo e eu comecei pelos toirinhos.

**N**O dia seguinte ao da minha chegada, apresenta-se o Faísca para me ajudar à missa, com uma modalidade que antes desconhecia. É uma saca a tiracolo feita por ele mesmo e aonde guarda preciosamente o precioso livro que eu lhe dei no dia dos seus anos; é o Novo Testamento.

**A**QUI há tempos chegou um automóvel à nossa aldeia, de onde saíram dois rapazes acompanhados de uma senhora.

Apresentavam-se limpos e modestamente vestidos e traziam enxoval.

Eram orfãos. A senhora que os acompanhava, apresenta os documentos e também uma carta aonde superiormente se pedia a admissão. Nesta altura já o automóvel se encontrava rodeado de vários dos nossos em conversa com os recém-chegados, deixando fugir, por entre os dentes, a sua admiração: *Eh pá olha dois fidalgos.*

Por minha vez e enquanto abria a carta, ia explicando à senhora em questão, que o ser orfão não era título suficiente; que o abandonado, o pestilento que afugenta e não tem quem por ele peça, esse é que é o rapaz da nossa marca. O carro ficou onde estava enquanto fomos dar uma volta pela aldeia; a senhora viu tudo. É uma pessoa inteligente. Compreendeu. Pediu desculpa. Os dois rapazes foram-se embora. O pai desta senhora, ao tomar conhecimento, em vez de amuar deu um grande donativo. Também ele é inteligente. Ora eu quero que todos o sejam.

Nós não podemos transigir. Fizemos um voto solene de nos dar total mente e unicamente à criança dos caminhos e não a orfãos ou equiparados.

Não há muito que um dos nossos Bispos se interessou por uma criança desqualificada para o nosso caso. Uma carta de um Bispo para nós é uma coisa muito séria e muito pesada. Nós devemos reverência a todos e obediência a um; o sucessor de quem me deu o sacramento da ordem. Eu acredito nos fundamentos e nas normas da igreja católica; da Mãe. Eu tenho de afirmar. Quero afirmar. Durante estas quinquenas de ausência e em contacto com um mundo para mim desconhecido, nunca senti tanta ansia de berrar para dentro de mim e para fóra de mim as verdades dos alicerces. Que tudo quanto eu vi são notas doentes dum mundo anémico. Eu cá acredito e acredito e acredito. Nem é preciso a fé divina; basta penetrar a fundo nos seculos da história da igreja.

Pois um Bispo pediu-me, e como o rapaz não era da nossa marca eu respondi assim:— *Se V. Ex.<sup>a</sup> pede, não posso dizer que sim. Se V. Ex.<sup>a</sup> manda, não posso dizer que não.* O rapaz não apareceu. Tudo isto vem hoje a lume para que melhor conheçam e respeitem os nossos princípios.

**F**ORAM aqui para o Lar do Porto alguns dos que fizeram a 4.<sup>a</sup> classe. Todos os rapazes foram convidados a dizer por escrito o que desejavam ser. Muitos deles determinaram officio, outros apenas se referiam a um emprego. Estão nesta classe os aquem acima me reporto. Muito desejaria eu, e os meus leitores também, que cada um deles tenha entrado com o pé direito. Mas nem sempre assim tem sucedido... Eu não posso garantir plenamente um rapaz que saíra nossa aldeia. Eles vivem rodeados de inimigos de toda a sorte! Ainda hoje de manhã regressou um aos estaleiros; um que já estava colocado há mais de dois anos! Que vamos nós fazer? Sofrer e esperar.

O Figados escolheu o officio de serralheiro; serralheiro mecânico. Talvez por causa do fígado, o Figados é muito refilão. Mal eu cheguei do Brasil, ele veio ter comigo, furioso, a acusar o Padre Adriano. Que não havia direito, que ele tinha pedido officio, que já tinham ido seis pró Porto e ele tinha ficado, e mais e mais e mais. Ora o Figados que se cale muito caladinho e que trate de comer e de medrar. Se eu o mandasse para uma oficina, logo o mandariam embora. Ninguém lhe quer tolher a vocação, mas só o deixo ir quando ele tiver corpo. Ele vende o Gaiato. Ele é um fervoroso vendedor do Gaiato. Que os senhores do Porto o vejam e lhe falem e julguem se sim ou não eu tenho razão.

O Cête já não é da nossa redacção; está colocado no Porto, nas vezes do Carlos Veloso, que adoeceu gravemente e se encontra na casa de Miranda, em repouso. Foi ele quem escolheu a casa de Miranda. Os nossos rapazes tem a palavra. Se o Cête fôr no emprego tal qual era aqui, eu digo desde já aos senhores que o empregam que precisam de se revestir de muita paciência, ou terão de o mandar embora.

Ontem fui ao Lar do Porto jantar com os rapazes. Cête estava. Cête diz bem do emprego. Eu perguntei-lhe se ele já tinha feito alguma das suas, ao que ele responde muito depressa: *para que me está a lembrar.*

**C**HEGARAM hoje da horta 42 melancias. Da nossa horta. Melancias pretas, saudáveis, tentadoras. São para as merendas; oh consoladelas!

E' assim: a sineta toca, a malta aparece à porta da cozinha, que é, entre todas, a porta mais suspirada da nossa aldeia. Nem há vistas mais formosas aos olhos dos que espreitam de fora para dentro... Os cozinheiros estão com grandes tabuleiros à sua frente e estes ple-nos de talhadas da deliciosa fruta. Fora, no pátio da cozinha, encontram-se alguns cestos vazios. O rapaz que recebe a merenda, come ao pé dos cestos e lança as cascas dentro dele. Algumas delas ficam transparentes, de rapadas! Há a natural e necessária algazarra enquanto se come. São muitos a comer e melancia não é coisa de todos os dias.

Acabada a merenda, aí veem os dos porcos conduzir para as picilgas os cestos; cestos aonde foram lançadas as cascas da merenda. É uma pintinha de ordem na grande desordem.

**T**AMBEM temos melões, mas estes não veem às dúzias nem são para toda a gente. São para os senhores; para a mesa dos senhores. Eu como sempre duas talhadas. Comería mais; eu até comia um melão todo de tanto que gosto, mas quero ter mão. Quero comer só o preciso por amor da minha saúde. Uma grande parte dos senhores, andam nas mãos dos médicos justamente por comerem demais. Não é disso que eles se queixam, já se vê, mas a doença que trazem é derivada do muito que comem.

O melão de hoje era simplesmente óptimo. Eu chamei o Avelino e o Moreira e o Cid, que comeram também cada um duas talhadas.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX  
**Visado pela Comissão de Censura**  
 XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX



**AQUI É O TOJAL**

A Casa do Gaiato do Tojal. Ninguém tenha pena dos animais, quando se dá à criança a obrigação de os alimentar; Há só um inconveniente; morrer de fartos! já tem acontecido!!



**AQUI É O LAR DE COIMBRA**

Um abraço de dois amigos. Como poderia jamais esta criança amar, se na vida que tinha nunca foi amada!